

**MANUEL CORREIA DE
ANDRADE, CORREINHA:
(TERRA E) HOMEM DO
NORDESTE***

MANUEL CORREIA DE
ANDRADE, CORREINHA:
(LAND AND) THE MAN FROM THE
NORTHEAST

MANUEL CORREIA DE
ANDRADE, CORREINHA:
(TIERRA Y) HOMBRE DEL
NORDESTE

JONES DARI GOETTERT

Professor Adjunto do Curso de
Geografia – FCH – UFGD
1º Secretário da DEN – AGB
Rua João Rosa Góes, n. 1761
Caixa Postal 322 – CEP: 79825-070
Dourados – MS
jonesdari@ufgd.edu.br

* Texto da AGB em homenagem ao professor Manuel Correia de Andrade, escrita e pronunciada pelo professor Jones Dari Goettert durante o VI Encontro Nacional de Ensino de Geografia – Fala Professor –, realizado em Uberlândia, Minas Gerais, de 23 a 27 de julho de 2007.

Resumo: Manuel Correia de Andrade, incansavelmente, fez da vida o trabalho em compreender “a terra e o homem no Nordeste”. Manuel Correia de Andrade, o *Correinha* dos trabalhadores rurais, mourejou pela vida, pela ciência, por mulheres e homens, em diálogo contínuo com a teoria e com as gentes do litoral, do agreste e do sertão, que “mourejam a terra”. Embalado pelo compromisso intelectual e social, Manuel Correia de Andrade fez-se terra, fez-se homem, fez-se corpo, fez-se espaço e fez-se tempo. Espaço(s) e tempo (s) de um Nordeste múltiplo, diverso, marcado por séculos de mando “controlado por uma oligarquia que procura trazer vantagens para ela própria”, mas que, por outro lado, em uma amálgama de terra e gentes do trabalho, protagoniza “a ação de movimentos como o MST, a Contag e a Pastoral da Terra”, “fazendo renascer o *slogan* de Francisco Julião, de 1960, de que “a reforma agrária seria feita na lei ou na marra”! “Tudo no mundo”, em vinte e dois de junho de 2007, se fechou para os olhos de Manuel Correia de Andrade. Mas, como que por uma “geografia da alma”, seus olhos parecem nos olhar através de sua trajetória, de seus livros e centenas de artigos, de seus diálogos, de sua terra e por suas gentes. De seu Nordeste que lutou para que fosse um lugar melhor, uma *terra sem males*.

Palavras-chave: Manuel Correia de Andrade; Nordeste; Terra; Homem.

Abstract: Manuel Correia de Andrade made his life into a quest to understand “the land and the man from the Northeast”. Manuel Correia de Andrade, known as *Correinha* by the rural workers, constantly worked for life, science, men and women without resting, in a constant sharing of ideas between theory and the beach people, not to mention the “Agreste” and the hinterland ones who toiled the land. Taken by an intellectual and social commitment, Manuel Correia de Andrade made himself land, made himself man, made himself space and time. Time(s) and space(s) of a multiple, diverse Northeast which was marked by centuries of ordering “controlled by an oligarchy that tried to take full advantage for itself”. On the other hand, however, this Northeast in an amalgam of land and workers that takes part in “movement actions such as the MST, the CONTAG and the PASTORAL DA TERRA”, “bringing back to life Francisco Julião’s slogan (1960) in which he mentions, “the agrarian reform is to be done either according to the law or to men’s will”! “Everything in the world”, on June 22nd, 2007, closed their eyes to Manuel Correia de Andrade. But, based on a “soul geography”, his eyes seem to look at us through his route, his books and hundreds of articles, through his conversations, his land and his people. Everything in the world seems to look at us through his Northeast which fought in order to be a better place, a blessed land.

Keywords: Manuel Correia de Andrade; Northeast; Land; Man.

Resumen: Manuel Correia de Andrade hizo de su vida una busca incansable para comprender “la tierra y el hombre del Nordeste”. Manuel Correia de Andrade, el *Correinha* de los trabajadores rurales, trabajó sin descanso por la vida, por la ciencia, por las mujeres y los hombres, en un diálogo continuo con la teoría y las personas del litoral, del “agreste” y del “sertão”, que también “trabajan la tierra sin descanso”. Por su compromiso intelectual y social, Manuel Correia de Andrade se hizo tierra, se hizo hombre, se hizo cuerpo, se hizo espacio y se hizo tiempo. Espacio(s) y tiempo(s) de un Nordeste múltiple, variado, marcado por siglos de mando “controlado por una oligarquía que intenta obtener beneficios para si misma”, pero que, por otro lado, en un amálgama de tierra y personas trabajadoras, protagoniza “la acción de movimientos como el MST, la CONTAG y la Pastoral de la Tierra”, “haciendo renacer el *slogan* de Francisco Julião, de 1960, de que “la reforma agraria seria hecha por la ley o por la fuerza”! “Todo en el mundo”, el veintidós de junio de 2007, se cerró para los ojos de Manuel Correia de Andrade. Pero como por una “geografía de la alma”, sus ojos parecen mirarnos a través de su trayectoria, de sus libros y de centenas de artículos, de sus charlas, de su tierra y de su gente. De su Nordeste, por el que luchó para que fuera un lugar mejor, una *tierra sin males*.

Palabras clave: Manuel Correia de Andrade; Nordeste; Tierra; Hombre.

Esta não é uma biografia de Manuel Correia de Oliveira Andrade¹. Não é, igualmente, uma análise de sua produção, de sua vasta produção.

É, singelamente, um olhar sobre *um homem no nordeste, do nordeste, para o nordeste*. Manuel Correia de Andrade. *Correinha*. Em especial, um *olhar* sobre “A terra e o homem no Nordeste”, de 1963, acompanhado de “A terra e o homem no Nordeste, hoje”, de 2003. Um olhar, enfim, sobre *olhares* de um homem sobre uma terra; de um *nome próprio* que, como escreveu Pierre Bourdieu, “é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, o fundamento da unidade de suas sucessivas manifestações” (BOURDIEU, 1998, p. 187).

Por entre a terra e as gentes do Nordeste, foi se fazendo o geógrafo e historiador Manuel Correia de Andrade. Terra no plural: terras. *Nordestes*. Gentes deles.

Nordeste.

Manuel Correia de Andrade, em 1963, ano da primeira edição de “A terra e o homem no nordeste”, já colocava que a região “é apontada ora como a área das secas, que desde a época colonial fazem convergir para a região, no momento da crise, as atenções e as verbas dos governos; ora como área dos grandes canaviais que enriquecem meia dúzia em detrimento da maioria da população; ora como área essencialmente subdesenvolvida devido à baixa renda *per capita* dos seus habitantes ou, então, como a região das revoluções libertárias de que fala o poeta Manuel Bandeira em seu poema “Evocação do Recife”” (ANDRADE, 1980, p. 9).

Nordeste, *nordestes*. Como Terra, como Homem, como representação. Como “parte do imaginário social”, “é também um espaço de disputa e de poder, base para essa representação que é apropriada e reelaborada, tanto pela classe dominante como por grupos que se mobilizam para defender seus interesses territoriais. Ambos constroem, a partir dela, um conjunto de idéias e conceitos que são reassimilados coletivamente como identidade”, salientou Iná Elias de Castro (2005, p. 193).

Também como representação, o Nordeste de Manuel Correia de Andrade se faz pelo de Manuel Bandeira, que fala das “revoluções libertárias”. Manuel *fala* com Manuel. Manuel *ouve* Manuel. Evoca a terra, a gente. Manuel que anuncia, representa, canta.

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

¹ Para aspectos maiores relativos à biografia de Manuel Correia de Andrade, ver ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de (org.); BERNARDES, Denis; FERNANDES, Eliane Moury. *O fio e a trama: depoimento de Manuel Correia de Andrade*. Recife: UFPE; Editora Universitária, 2002, e GASPAR, Lúcia (coord.); PODEUS, Raquel Batista; SILVA, Rosi Cristina da. *Manuel Correia de Andrade: cronologia e bibliografia*. Recife: UFPE; Editora Universitária, 1996.

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois
- Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância
[...]
A gente brincava no meio da rua
Os meninos gritavam:
Coelho sai!
Não sai!
[...]
De repente
nos longos da noite
um sino
Uma pessoa grande dizia:
Fogo em Santo Antônio!
[...]
- Capiberibe
[...]
Foi o meu primeiro alumbramento
Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu
E nos pegões da ponte do trem de ferro
os caboclos destemidos em jangadas de bananeiras
[...]
A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem
Terras que não sabia onde ficavam
[...]

Manuel Bandeira canta a poesia. Manuel Correia de Andrade *canta* tempos e espaços em *prosa* acadêmica. Manuel e Manuel, em tempos diferentes vivendo uma *mesma* Recife. Para Correia de Andrade a infância, as ruas, as praças, as escolas, as universidades e a antiga livraria Livro 7.

Nascido em Vicência, pernambucano e nordestino, Manuel Correia de Andrade foi se misturando a Manuel Bandeira, fazendo a Geografia também com pedaços de poesia. Participante do movimento literário modernista, Manuel Bandeira, e muitas e muitos outros, deixam para Manuel Correia de Andrade a Semana da Arte Moderna, de 1922, mesmo ano da fundação do Partido Comunista do Brasil.

E é no mesmo ano, em 1922, que nasce Manuel Correia de Andrade. O *Nordeste*

ainda não era o Nordeste. Brasília ainda não era a capital. A Marcha para Oeste ainda se encontrava no leste. Mas Getúlio Vargas já levantava o chapéu no Rio Grande do Sul e olhava de canto de olho para a capital. Arthur Bernardes, esse, não seria deposto. E outro Andrade, Mário, na mesma década já dava o recado: “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são”, em “Macunaíma”.

Manuel, nascido em engenho de açúcar, o Engenho Jundiá, a mais de cem quilômetros de Recife, “numa família relativamente abastada”, como mesmo conta, desde cedo conviveu com “trabalhadores rurais, numa certa intimidade que há no campo”: “Eu ficava chocado porque aqueles meninos da minha idade não iriam ter oportunidades na vida, e eu, filho de um senhor de engenho, iria. Isso me causava um impacto muito grande. Por que uns tinham e outros não tinham direito?”. “E depois cheguei a conclusão, por meio de leituras, que a questão agrária era o problema fundamental do Brasil” (ANDRADE, 2000). A questão agrária: ali, *a terra e o homem no Nordeste*.

Quería fazer Ciências Sociais. Fez Direito primeiro e Licenciatura em História e Geografia depois, “sempre indeciso entre uma e outra”: “Então, eu não sei se me consideraria geógrafo ou historiador. Também porque acho que a geografia, ao analisar o espaço, vê os marcos que existem naquele espaço. Mas esses marcos não foram feitos hoje, são o resultado de uma evolução histórica [...]. É por isso que a história e geografia se interpenetram nas minhas preocupações”, disse Manuel (ANDRADE, 2000). Parece nos dizer ser o espaço a “acumulação desigual de tempos”, que “em cada sistema há uma combinação de variáveis em escalas diferentes, mas também de “idades” diferentes”, como escreveu Milton Santos (2002).

Manuel Correia de Andrade, ainda estudante, virou comunista. Comunista, vira *Correinha*. “Apesar de ser filho de senhor de engenho, Manuel Correia torna-se membro do Partido Comunista aos vinte anos de idade. Por essa razão, os trabalhadores rurais passam a chamá-lo de *Correinha* e nele confiam” (VAINSENER, 2007).

“Eu era católico muito fervoroso até os 15, 16 anos. E deixei a Igreja quando um missionário me criticou porque eu lia Renan. Aí eu pensei: entre Renan e a Igreja, fico com Renan. E caminhei para a esquerda”. “Entreí no PC e militei uns seis ou sete meses. Um dia, cheguei numa reunião da célula do PC com o livro de Trotski, *Minha Vida*, debaixo do braço. Foi um escândalo. Um líder comunista disse “você vai deixar esse livro aqui, você não pode carregá-lo”. “Posso, eu comprei”. “Você é trotskista?” “Não, nunca fui. Mas admiro Trotski, ele escreve muito bem”. “Mas ele é inimigo da classe operária”. Eu disse: “Você acha? Mas eu não sou operário! Eu sou da burguesia açucareira”. Havia muita gente da burguesia que era do PC. Aí ele disse “então, você tem de escolher entre Trotski e o PC”. Eu dei a mesma resposta que havia dado entre Renan e a Igreja. “Fico com Trotski”. E fui embora” (ANDRADE, 2000). Duas escolhas: um caminho.

Do engenho à participação mais direta nas lutas dos trabalhadores, em especial como advogado para sindicatos, e na amizade com Francisco Julião, um “revolucionário

missionário” e “meio romântico”. Segundo Manuel Correia de Andrade, Armando Monteiro Filho comparava Francisco Julião a Joaquim Nabuco: “Eram aristocratas, vindos do engenho, e que dedicaram a vida às causas populares” (ANDRADE, 2000). Engenhos: casas grandes no Nordeste. E senzalas.

“A sociedade colonial no Brasil, desenvolveu-se patriarcal e aristocraticamente à sombra das grandes plantações de açúcar, não em grupos a esmo e instáveis; em casas-grandes de taipa ou de pedra e cal, não em palhoças de aventureiros”. [...] “Terra e homem estavam em estado bruto”. [...] “É ilusão supor-se a sociedade colonial, na sua maioria, uma sociedade de gente bem-alimentada. Quanto à quantidade, eram-no em geral os extremos: os brancos das casas-grandes e os negros das senzalas. Os grandes proprietários de terras e os pretos seus escravos. Estes porque precisavam de comida que desse para os fazer suportar o duro trabalho da bagaceira”, escreveu Gilberto Freyre (2000, p. 91, 97 e 105).

Era (é) este o Brasil. Era (é) este o Nordeste.

Manuel conhece Caio Prado Júnior e a partir dali foi surgindo “A terra e o homem no Nordeste”: “escrevi o livro porque o Caio tinha um projeto de contratar cinco geógrafos, cada um para escrever sobre uma região. Então, me entregou o Nordeste” (ANDRADE, 2000). Um Nordeste que, para Caio Prado Júnior, também trazia a marca de séculos de latifúndio, monocultura e escravidão (PRADO Jr., 1998).

Mas, no que foi sendo e veio a ser definido por Nordeste, os contrastes e as contradições foram se juntando pelas leituras e diálogos de Manuel Correia de Andrade. Um Nordeste em que “ninguém ousaria admitir a exclusividade da ação de um elemento na elaboração dos quadros paisagísticos”, fazendo com que “em cada região se nota que um elemento se sobressai, levando o homem prático que moureja na terra a citá-lo, sempre que quer distinguir as várias áreas que compõem o mosaico regional” (ANDRADE, 1980, p. 11). O homem Manuel intelectual observa e “moureja” o “homem prático”. Como uma “Geografia [que] a gente aprende no pé” – de posseiros do Bico do Papagaio, registrado por Oliveira (1991, p. 144).

Um Nordeste “dividido”, no período colonial, entre a cana-de-açúcar e o gado, em sintonia com Gilberto Freyre. Gilberto: outro pernambucano, outro nordestino. Um Nordeste feito de *nordestes*: Litoral e Mata, Agreste, Sertão e Litoral Norte, Meio-Norte e Guiana Maranhense (ANDRADE, 1980, p. 13). *Nordestes* de uma população, na década de nascimento de Manuel Correia de Andrade, de aproximadamente 22 milhões de habitantes, chegando no final do século a aproximadamente 50 milhões, com quase 70% vivendo nas cidades. Antes, em 1960, a maioria viva no campo, com dois habitantes no meio rural para cada morador das cidades.

Do campo à cidade, como salientava o colega historiador Sérgio Buarque de Holanda, também o “velho engenho” dava lugar à “usina moderna”:

O desaparecimento do velho engenho, engolido pela usina moderna, a queda

do prestígio do antigo sistema agrário e a ascensão de um novo tipo de senhores de empresas concebidas à maneira de estabelecimentos industriais urbanos indicam bem claramente em que rumo se faz essa evolução. [...] A urbanização contínua, progressiva, avassaladora, fenômeno social de que as instituições republicanas deviam representar a forma exterior complementar, destruiu esse esteio rural, que fazia a força do regime decaído sem lograr substituí-lo, até agora, por nada de novo (HOLANDA, 1995, p. 176).

De *brasis* e de *nordestes* que se faziam do rural ao urbano, do *tudo de antes* “por nada de novo”. Manuel Correia de Andrade, em análises têmporo-espaciais, atentava para as continuidades e descontinuidades.

Na *terra* do campo e da cidade, a população distribuída desigualmente enquanto a concentração fundiária tinha – e tem – seu domínio manifestado pela “proteção dispensada pelos órgãos governamentais à grande lavoura – à cana-de-açúcar, ao café, ao cacau, etc. – e ao completo desprezo às lavouras de subsistência ou “lavouras de pobre””: “As primeiras têm crédito fácil, garantia de preços mínimos, assistência de estações experimentais, comercialização organizada etc., enquanto as segundas são abandonados ao crédito fornecido por agiotas, às tremendas oscilações de preços entre a safra e a entre-safra e à ganância dos intermediários” (ANDRADE, 1980, p. 45). Hoje, talvez Manuel Correia de Andrade completaria: *e, por isso, muitos destes últimos, das “lavouras de pobres”, seguiram para as cidades, para o sul ou Amazônia, muitas e muitos sem-terra e sem-terro, enquanto os primeiros viraram heróis do Brasil. Não por acaso que o que se come na mesa nossa cada dia, como*

A mandioca, o feijão e as fruteiras largamente consumidas por ricos e pobres nunca fizeram sombra à cana-de-açúcar. [...] Enquanto a fabricação do açúcar evoluiu desde o engenho de bois até as grandes usinas que moem anualmente mais de 500.000 sacos de açúcar, a casa de farinha continua muitas vezes a ser movida a força humana (ANDRADE, 1980, p. 85).

Manuel, Manuel: que geografia dos contrastes e das contradições nos mostrou. E nos mostra.

Cana-de-açúcar, gado e cacau de um lado e gente de outro. O colega Darcy Ribeiro salientava:

Com o gado e com os bodes crescia a vaqueirada, multiplicando-se à toa pelas fazendas, incapaz de absorver lucrativamente a tanta gente nas lides pastoris, pouco exigente de mão-de-obra. Assim é que os currais se fizeram criatórios de gado, de bode e de gente: os bois para vender, os bodes para consumir, os homens para emigrar. [...] Os sertões se fizeram, desse modo, um vasto reservatório de força de trabalho barata, passando a viver, em parte, das contribuições remetidas pelos sertanejos emigrados para sustento de suas famílias. O grave, porém, é que emigram precisamente aqueles poucos sertanejos

que conseguem alcançar a idade madura, com maior vigor físico, tendendo a fixar-se nas zonas mais ricas do Sul aqueles nos quais a paupérrima sociedade de origem investiu o suficiente para alfabetizar e capacitar para o trabalho. Desse modo, o elemento humano mais vigoroso, mais eficiente e mais combativo é roubado à região, no momento preciso em que deveria ressarcir o seu custo social (RIBEIRO, 1995, p. 345 e 347).

Hoje, parte do açúcar virou álcool: quem o produz todas e todos sabemos, como os muitos nordestinos em migração sazonal para Ribeirão Preto e arredores; quem consome, já é parte de uma história (ou uma de geografia) desigual: capitais privados (e “públicos”) investem em usinas de álcool. O álcool que parece virar, abruptamente, o “ópio do povo”.

Para Manuel Correia de Andrade, ainda em 1963,

A expansão das grandes empresas em empreendimentos fundiários – não é justo considera-los agrícolas – é justificada pela facilidade de aquisição de terras a baixo preço, pela facilidade de obtenção de recursos governamentais para aplicação dos projetos, pela elevada valorização das terras em um país em processo de crescimento inflacionário acelerado e pela utilização de mão-de-obra barata, às vezes até em regime de semi-escravidão. (ANDRADE, 1980, p. 231).

A valorização das terras persiste, Manuel. O “crescimento inflacionário” foi contido por um ministro-presidente sociólogo. A “utilização de mão-de-obra barata” e até em “regime de escravidão”, ainda é um desafio a ser combatido.

Do campo para as cidades, eis o movimento acelerado da população nordestina antes e depois de 1963: “À proporção que o processo usineiro evolui, a área cultivada com cana vai aumentando e os proprietários não só restringem os sítios dos moradores, tirando-lhes as áreas mais favoráveis, como exigem dos mesmos cinco ou seis dias de serviço por semana nos seus canaviais, o que impede os trabalhadores de cuidarem dos seus roçados. Vai então se processando gradativamente a proletarização da massa camponesa” (ANDRADE, 1980, p. 107).

O açúcar e o álcool vão aumentando e a comida vai escasseando: do sertão ao litoral, já escrevia Manuel Correia de Andrade, “O charque e o bacalhau, comida cotidiana desde a época da escravidão, subiram tanto de preço que hoje figuram apenas nas mesas das casas ricas e remediadas” (ANDRADE, 1980, p. 114). Com outro pernambucano, Manuel foi vendo e sentindo suas gentes, junto com Josué de Castro. A fome, sim, a fome. A geografia e a geopolítica da fome, no Nordeste, no Brasil e no mundo: “Josué demonstrou que os problemas econômicos são mais importantes como causas da fome do que os problemas físicos. E que por isso no Nordeste úmido – que era mais rico –, a fome era epidêmica, e no Nordeste seco era endêmica” (ANDRADE, 2000).

A fome, a exploração e a dominação, o mando e a expulsão, nos anos 1940-1960,

produziram o “agravamento contínuo da crise, as dificuldades de vida cada dia maiores, [que] levaram os trabalhadores rurais a atitudes de revolta, de desespero, como ocorreu no já famoso Engenho Galiléia”, dando origem, através da “Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco”, às Ligas Camponesas. E Francisco Julião bradava: “Não vemos inimigos no soldado, no padre, no estudante, no industrial, no comunista; o inimigo é o latifundiário”, citava Manuel Correia de Andrade (1980, p. 252 e 254).

Um homem do Nordeste, Francisco Julião,

que procura despertar as massas a fim de que elas participem da solução dos seus problemas, evitando que uma solução de cúpula, imposta de cima para baixo, venha modificar a estrutura agrária brasileira sem consultar os interesses do homem do campo. Acha que a experiência e as reivindicações dos que **mourejam** a terra têm de ser levadas em conta ao se fazer uma lei agrária” (ANDRADE, 1980, p. 256).

Não, Francisco Julião não era apenas um advogado ou um deputado... Era um “romancista”, como escreveu Manuel Correia de Andrade. Um “romancista” de metáforas fortes: o “pedaço de terra que se dá ao trabalhador rural é como o galho de embaúba que se joga a quem se está afogando em um rio” (Francisco Julião *apud* ANDRADE, 1980, p. 258).

Diferente da SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste –, Francisco Julião, com a reforma agrária, “pretende beneficiar não uma pequena parte da massa rural trabalhadora, mas de uma forma ou de outra, a todos os que **mourejam** a terra” (ANDRADE, 1980, p. 258).

Assim, *termina* Manuel Correia de Andrade, em

A terra e o homem no Nordeste”, de 1963, “que no Nordeste a sorte está lançada e que os paliativos de uma política de colonização a longo prazo, concebida tecnicamente em gabinete, sem consultar os interesses dos que **mourejam** a terra dificilmente contribuirão para minorar a situação dos trabalhadores sem terras e solucionar a tremenda crise em que se debatem. Os preços dos gêneros de primeira necessidade são altos, sobem cada vez mais, enquanto os salários continuam inferiores ao mínimo. A miséria levou o trabalhador rural a tomar conhecimento de sua força, a não esperar pelos doutores, a exigir os seus direitos. Passou o medo dos proprietários e dos feitores e organizados por políticos de esquerda como Julião, ou por sacerdotes católicos como Antônio Melo, passam os trabalhadores rurais a exigir maior compensação pelo seu trabalho. Agitam-se, esperneiam, são perseguidos, reagem a cota correspondente à sua participação na produção, desejam melhores dias. [...] Daí concluímos [continua Manuel Correia de Andrade], que estamos vivendo em um período crítico: ou as reivindicações populares justas são atendidas e dá-se ao homem do campo condições de vida compatíveis com a dignidade humana ou a revolução prevista pelo Governador Aluísio Alves será inevitável e a estrutura fundiária arcaica que aí temos ruirá, arrastando em sua queda tudo que nela se apóia. Sua situação

é tão difícil, suas condições são tão precárias que a essa altura ninguém a defende, todos a atacam desde os comunistas até os católicos, divergindo apenas pela maneira mais ou menos rápida, mais ou menos radical de como planejam destruí-la. Assim a velha estrutura montada pelos portugueses no século XVI e que foi se modificando pouco a pouco nos quatro séculos de nossa evolução histórica, acha-se hoje frente ao maior impacto com que se deparou, impacto mais sério, acreditamos, que o enfrentado nos fins do século XIX com a abolição” (ANDRADE, 1980, p. 262-263).

“Políticas de colonização” oficiais, construídas em “gabinete” e por “doutores”, viraram passado. O golpe militar veio em 1964 e as Ligas Camponesas seguiram o caminho de muitas e muitos militantes, na clandestinidade e na morte. Nem as *condições de vida compatíveis com a dignidade humana* no campo foram criadas nem a *revolução* aconteceu: a estrutura agrária “montada pelos portugueses” não ruiu... Mas os camponeses ainda *esperneiam*, lutando por *melhores dias*.

Passaram-se vinte e um anos de ditadura militar. Vieram as “Diretas Já”, a “redemocratização”, primeiro dois presidentes nordestinos, os “caras pintadas” e um dos presidentes impedido de continuar na presidência. Depois um presidente mineiro, um sociólogo e mais um nordestino. Homens do, sobre e no Nordeste. Dos *nordestes*. Próximos e distantes.

Em 2003, quarenta anos depois do lançamento de “A terra e homem no Nordeste”, Manuel Correia de Andrade, em Recife, profere a conferência “A terra e o homem no Nordeste, hoje” (ANDRADE, 2003). Quatro décadas depois, um homem do Nordeste *relê* “A terra e o homem no Nordeste”.

Antes, em 1963, a publicação como contribuição para um Brasil das “reformas de base”, com “reformas que pudessem modificar as suas estruturas econômicas e sociais, libertando-o do que se chamava, então, de subdesenvolvimento” (ANDRADE, 2003, p. 193). Um livro considerado “não-científico” por geógrafos brasileiros “porque não se destinava a propósitos acadêmicos, e, sim, a registrar e analisar um longo processo histórico”; e, considerado, pela ditadura militar, de “cunho subversivo”! (VAINSENER, 2007).

De qual Nordeste nos *fala, hoje*, Manuel Correia de Andrade?

Manuel pensa o Nordeste a partir da sub-divisão já apontada em 1963: Litoral e Mata, Agreste, Sertão e Litoral Norte, Meio-Norte e Guiana Maranhense. Algumas mudanças ressaltadas por ele entre o *antes* e o *agora*: no Litoral e Mata, a área “de cultura da cana-de-açúcar passou a ser disputada pela expansão urbana e muitas usinas foram fechadas em bairros de grandes cidades, formando áreas de periferia de pobreza muito intensa”. E traz, em referência, novamente a Geografia da Fome de Josué de Castro. Paralelamente, o avanço do turismo “provocando uma série de transtornos ao desenvolvimento [da região]” (ANDRADE, 2003, p. 195).

Ali, também, no Litoral e Mata, é “aquela [região] em que há mais forte reivindicação de terras e maior atuação de movimentos como os do MST, da Contag e da

Pastoral da Terra, que dão margem a uma expressiva desapropriação de terras”, “pondo em risco o domínio e o poder da velha açucocracia de que falava Tobias Barreto”. Manuel Correia de Andrade, como em 1963, salienta ainda a necessidade de “uma reforma massiva

e de uma transformação na agricultura, com o desenvolvimento de propriedades familiares e uma produção para o mercado interno” (ANDRADE, 2003, p. 196).

Em áreas da Caatinga, dentre outras características, “as empresas produtoras de ração se expandiram, conquistando os espaços que se abriram com o desenvolvimento das ferrovias e das rodovias. Daí a expansão da produção de pastagens para o gado e a expulsão dos trabalhadores sem terra para as cidades da região e do litoral, agravando o problema social e fazendo decair a qualidade de vida das mesmas” (ANDRADE, 2003, p. 196-197).

No Sertão, desde o tempo em que os “indígenas flagelados [davam] os próprios filhos aos proprietários do litoral para libertá-los da morte pela fome”, no desaparecimento das “oficinas” de charque no final do século XVIII, na migração de sertanejos para a Amazônia nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX, na importação de camelos da África do Norte até as políticas de irrigação para combate da “indústria da seca” nas últimas décadas... Desde os tempos em que “projetos mirabolantes e faraônicos, como o da transposição das águas do São Francisco para os altos cursos dos rios Jaguaribe, no Ceará, e Piranhas-Açu, na Paraíba”. Que tudo não atenda, sempre, “apenas aos cálculos matemáticos e às elaborações de econometria” (ANDRADE, 2003, p. 197-198).

No Meio-Norte, “área de transição do Nordeste para a Amazônia e o Centro-Oeste”, o avanço da cultura da soja, a ampliação da cultura de arroz de sequeiro e a exploração de minérios: “Este crescimento econômico e a expansão do povoamento foram feitos com grandes danos ecológicos e sociais, [...] o desalojamento de populações indígenas, com massacres como em Barra do Corda, e dos caboclos que vieram do Sertão, há décadas, e que plantavam lavouras itinerantes e formavam pequenos povoados, verdadeiramente desconhecidos dos órgãos oficiais”. E, na Guiana Maranhense, que “foi sendo ocupada por pecuaristas vindos da Bahia e do Sudeste”, foi ignorado o povoamento primitivo (ANDRADE, 2003, 198-200).

Assim, os “grandes problemas atuais do Nordeste” parecem se reproduzir desde os tempos da colonização. E pouco adianta crescer economicamente sem desenvolvimento, reafirmando o que Celso Furtado, o homem da SUDENE, afirmava: se assim não for, tudo pode não passar do “mito do desenvolvimento econômico” (FURTADO, 1996). Na outra ponta da mesma “rede” onde se balança o tempo e o espaço nordestinos, o poder político continua “controlado por uma oligarquia que procura trazer vantagens para ela própria”. Persiste a concentração da propriedade da terra, o que tem provocado, em luta e em contraposição, novamente reafirma, “a ação de movimentos como o MST, a Contag e a Pastoral da Terra”, “fazendo renascer o *slogan* de Francisco Julião, de 1960, de que “a reforma agrária seria feita na lei ou na marra”. “Muitas reformas agrárias”, dizia Manuel

Correia de Andrade, porque “não existe um Brasil, mas vários brasís. As aspirações dos sem-terra do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que são essencialmente pequenos proprietários, podem ser muito diferentes das aspirações dos trabalhadores rurais assalariados do Nordeste, ou dos extrativistas da Amazônia” (ANDRADE, 2000).

“Muitas reformas agrárias” a partir da luta das e dos trabalhadores, porque já não é mais possível nem pensar na espera da “bondade” dos “de cima”. Pois, como salientou Manuel Correia de Andrade, “Uma das frases mais demagógicas que já ouvi na história do Brasil foi de Pedro II, que disse que venderia a última jóia da coroa, mas o nordestino não morreria de fome nem de sede! Só que nunca se fez uma política permanente para atender a população nordestina” (ANDRADE, 2000). E Dom Pedro II não vendeu a última e nem a primeira jóia. Ninguém vendeu. Adianta, então, a espera?

Nas cidades o desemprego e a concentração urbana com o êxodo rural, provocando o crescimento exponencial da população, “quase sempre desempregada, doente e faminta, dando margem ainda a que moléstias epidêmicas, consideradas extintas no início do século XX, tornem-se novamente freqüentes no século XXI”.

Por outro lado, Manuel Correia de Andrade, em 2003, salientava a importância do “fortalecimento do ensino” e da “melhoria das condições de saúde”. O “desenvolvimento de uma política ambiental” e a dinamização do “crescimento da produção por pessoa ocupada”. “Enfim, este é, em linhas gerais, o Nordeste em que vivemos neste início do século XXI” (ANDRADE, 2003, p. 200-202). Nordeste, *nordestes*, eis os desafios de uma terra e de suas gentes.

Terra e homem, homem e terra. A natureza que se humaniza em homens e mulheres, fazendo-se litoral, agreste e sertão, misturando-se ao mar, reinventando modos de ser e de fazer, mesmo que em “vidas secas” ou em “searas vermelhas”². Fazendo-se geografia como cotidiano no trabalho, na mobilidade para as cidades, para o Sul ou para a Amazônia. A construção, em Manuel Correia de Andrade, da geografia como ciência da sociedade (ANDRADE, 1987).

No dia vinte e dois de junho de 2007, oitenta e quatro anos depois de seu nascimento, em Recife, Manuel Correia de Andrade fez-se silêncio. Em mais de oito décadas, pelo Direito, História e Geografia, pelo Brasil e pelo mundo, mas principalmente pelo Nordeste, Manuel Correia de Andrade, o *Correinha* dos trabalhadores rurais, **mourejou** pela vida, pela ciência, pela terra, por mulheres e homens, em trabalho contínuo, sem descanso e constantemente. Fez-se terra. Fez-se homem. Fez-se corpo. Fez-se espaço. Por *geografias de Brasil, do Nordeste físico e humano, de Pernambuco, da pecuária no agreste, da “guerra dos cabanos”, da “Setembrizada” e da “Novembrada”, das polarizações e desenvolvimento, do planejamento regional, do imperialismo e da fragmentação do espaço, dos italianos no Nordeste, das relações entre Brasil e África...*

E quando perguntado se havia escrito um livro sobre a contribuição da SUDENE,

² Alusão, respectivamente, a “Vidas secas”, de Graciliano Ramos, e a “Seara vermelha”, de Jorge Amado.

simplesmente respondeu: “Meu caro, eu tenho mais de cem livros publicados! Eu acho que escrevi sobre tudo no mundo!” (ANDRADE, 2000).

“Tudo no mundo” talvez seja, para a terra e o homem *nordestinos*, nada mais, nada menos, que a revelação, a escrita, o companheirismo e a luta de homens – hoje terra – como *Correinha*, Manuel Correia de Andrade.

“Tudo no mundo”, também, naquele dia vinte e dois de junho, se fechou para os olhos de Manuel Correia de Andrade. Os olhos se fecharam. Mas, como que por uma “geografia da alma”, seus olhos parecem nos olhar através de sua trajetória, de seus livros e centenas de artigos, de seus diálogos, de sua terra e por suas gentes. De seu Nordeste, que lutou para que fosse um lugar melhor, uma *terra sem males*.

E, pelos seus olhos, de onde esteve e de onde está, talvez continue a nos olhar, profundamente, nos olhos. E talvez diga: *mourejem, mourejem, mourejem...* Como o “homem prático que moureja na terra”. A terra do Nordeste. As gentes do Nordeste. *Correinhas*.

Manuel Correia de Andrade.

*Mourejem,
mourejem,
mourejem*

...

Referências

- ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste*. 4. ed. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1980.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia: ciência da sociedade*. São Paulo: Atlas, 1987.
- ANDRADE, Manuel Correia de. O homem do Nordeste. Entrevista realizada por José Correia Leite. *Revista Teoria e Debate*, São Paulo, N. 45, jul/set 2000.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no Nordeste, hoje*. Conferência pronunciada na 55ª Reunião Anual da SBPC, em 15 de julho de 2003, em Recife, Pernambuco. (http://www.sei.ba.gov.br/publicacoes/publicacoes_sei/bahia_analise/sep/pdf/sep_67/manuel_correia_andrade.pdf [em 05/07/2007]).
- BANDEIRA, Manuel. *Evocação do Recife*. (<http://www.revista.agulha.nom.br/manuelbandeira03.html> [em 05/07/2007])
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp. 183-191.
- CASTRO, Iná Elias de. *Geografia e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 39. Ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2000.
- FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *A agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.
- PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*. 43. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. São Paulo: EdUSP, 2002.
- VAINSENER, Semira Adler *Manoel Correia de Andrade*. Fundação Joaquim Nabuco. ([http://www.fundaj.gov.br/noticia\[em 05/07/2007\]](http://www.fundaj.gov.br/noticia[em 05/07/2007])).

Recebido para publicação dia 28/07/07

Aceito para publicação dia 10/08/07